

O ACONTECIMENTO COMUNICACIONAL: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE QUESTÕES ONTOLÓGICAS

THE COMMUNICATIONAL EVENT: A PERSPECTIVE THROUGH ONTOLOGICAL QUESTIONS

*Tarcyanie Cajueiro Santos*¹

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre a comunicação a partir de questões que partem da ontologia. Nesse sentido, mesmo perguntando sobre o que é este objeto, buscamos evitar cair em uma posição estática, na qual o imobilismo seria o principal destino. Ao levarmos em conta o caos epistemológico deste campo, que se debate sobre inúmeras teorias, este artigo pressupõe a necessidade de repensar o próprio conceito de comunicação tomando a proposta de Ciro Marcondes Filho de pensá-la como um acontecimento comunicacional. Para tanto, são apresentadas e discutidas propostas que, em suas diversidades e semelhanças, abrem novas possibilidades de pesquisas e análises.

Palavras-chave: Ontologia; teorias comunicação; acontecimento comunicacional; Ciro Marcondes Filho.

Abstract

This article is a reflection about communication theory from leaving questions of ontology. We ask about what is this object; however we avoid falling into a static position, which tends to immobility. We think about the epistemological chaos of this field, that debate on several theories, and we assume the need to rethink the concept of communication taking the proposal of Ciro Marcondes Filho as a communication event. For this purpose, we are presented and discussed proposals, opening new possibilities for research and analysis.

Keywords: Ontology; communication theory; communication event; Ciro Marcondes Filho.

Submetido em 02/05/2013

Aceito em 04/07/2013

Introdução

Este artigo aborda a teoria da comunicação, pensando o seu conceito a partir da proposta de Ciro Marcondes Filho e do grupo por ele coordenado, Filocom, *Núcleo de Estudos*

¹ Doutora e pós-doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora dos cursos de Graduação e do Mestrado de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba-SP. E-mail: tarcyanie.santos@prof.uniso.br

Filosóficos da Comunicação, ou seja, como um acontecimento comunicacional que ocorre na interação do eu com o outro e “pelo qual surge algo verdadeiramente novo” (MARCONDES FILHO, 2011, p.171). Em inúmeros trabalhos (2004, 2008, 2009, 2011, 2011b, 2012), este autor tem apontado para a insuficiência de diversos modelos utilizados pelos pesquisadores da área. Segundo ele, são abordagens que tratam a comunicação a partir de uma visão ora sociológica, ora semiológica, ora antropológica ou filosófica, com isso à comunicação deixa de ser analisada por si mesma e passa a ser fundamentada a partir de outros conhecimentos. A isso, este autor chama de “debilidade ontológica” (idem, 2011), ou seja, um objeto carente de uma identidade, que para se firmar, precisa pedir emprestado às abordagens dos saberes já instituído. O artigo parte então da necessidade de trabalhar a comunicação sob um viés ontológico por intermédio de um autor relevante para a área e cuja proposta, não sem motivo, tem dado vazão a diversos questionamentos e calorosos embates entre os seus pares². Apesar de se apoiar nas variadas obras produzidas pelo autor, este artigo utiliza como ponto de partida e apoio o seu livro inicial “Até que ponto, de fato, nos comunicamos?” (2004a). Entendemos que, muito embora Marcondes Filho tenha refinado o seu conceito de comunicação desde então, este livro lança teses fundamentais sobre as quais o autor se fundamenta, tendo impacto em seu pensamento ainda hoje.

1. Afinal, O Que é a Comunicação? Teses sobre um objeto impreciso

Na obra “Até que ponto, de fato, nos comunicamos?” (Idem, 2004a), Ciro Marcondes Filho aponta para diferentes teses sobre a comunicação. Este livro introduz uma série de trabalhos posteriores (Idem, 2004, 2008, 2009, 2011, 2011b, 2012), que pensam o conceito a partir de si mesmo, ou seja, levando em conta a comunicação não apenas sob o viés epistemológico, como também ontológico. Na primeira tese, a comunicação seria algo muito improvável dado à dificuldade de recebermos informações externas. Pensadores como Niklas Luhmann defendem que as pessoas são sistemas fechados, se adaptando, se autocriando e se autorregulando. Sendo assim, elas seriam como que “caixas-pretas” impenetráveis. Não se pode, nesta perspectiva, conhecer o estado interno dos que participam da comunicação, pois não há interpenetração do ambiente externo sobre o sistema. Dito de outra forma, não há troca entre o indivíduo e a sociedade nem entre o indivíduo e outro indivíduo, mas apenas irritações

² Mencionamos os encontros da Compós e os artigos publicados na Revista Matrizes entre Ciro Marcondes Filho (2011) e José Braga (2010, 2012), cuja análise merece um artigo específico, voltado exclusivamente ao caloroso embate entre ambos os autores, com suas perspectivas e pontos de vista sobre o objeto da comunicação.

que provocam efeitos de autopreservação nos sistemas (seja ele indivíduo ou sociedade ou qualquer outro), derivado de sua observação sobre o mundo externo. O sistema se produz a si mesmo, não vindo nada do ambiente externo.

Muitas teorias pressupõem que a comunicação entre os indivíduos ocorre a partir da participação das suas consciências, de tal modo que se poderia conhecer o estado interno dos que nela participam. Contudo, para Luhmann não existe interferência da comunicação na consciência e tampouco à consciência intervém na comunicação. “Aquele pouco que nós absorvemos do que acontece lá fora, essa ‘mínima abertura’, é um corte, uma fissura que criamos com a realidade. Essa informação só serve para atualizar nossas estruturas internas, nos tornar ‘mais complexos’” (MARCONDES FILHO, 2004a, p.87), pois somos sistemas autopoieticos fechados.

Assim, nem tudo que é comunicado é recebido, havendo na consciência uma autonomia para decidir o que deve ser ou não comunicação e; por outro lado, aquilo que é recebido só é considerado se for capturado pela comunicação, isto é, por outro sistema que não o da consciência. Deste modo, “em si, a comunicação não percebe nada, seu mundo é da obscuridade e do silêncio; só a consciência tem condições de se dar conta do que ocorre no mundo. Ela pode, por exemplo, optar entre falar ou escrever” (idem, 2004, p.485).

Segundo Marcondes Filho (2004a), a regra admitida por Luhmann – não é possível comunicar – aplica-se a interação de indivíduos presentes. No que diz respeito aos sistemas sociais, a comunicação é a própria condição destes, funcionando para regulá-los. Tal visão é bastante diferente dos pesquisadores das ciências da comunicação que estão acostumados a pensar a comunicação, sendo ela mediatizada por tecnologia ou não, como apenas um processo entre indivíduos. Na perspectiva de Luhmann são três os fatores que tornam pouco provável a comunicação entre indivíduos presentes:

1. é improvável que alguém compreenda o que o outro quer dizer, tendo em vista o isolamento, a individuação de sua consciência; 2. é improvável que a comunicação chegue a mais receptores do que os que se encontram presentes na situação; por fim, é improvável obter o resultado desejado: o de que o receptor adote o conteúdo seletivo da comunicação como premissa para seu próprio comportamento. (MARCONDES FILHO, 2004, p.468)

Como para Luhmann a ampliação social das possibilidades de comunicação diminui proporcionalmente as chances de êxito desta mesma comunicação, o sistema lança mão dos meios simbolicamente generalizados que auxiliam a comunicação entre os indivíduos. Assim, a

comunicação presencial entre os indivíduos ocorre com os meios simbolicamente generalizados, fazendo com que comunicações improváveis tornem-se prováveis³.

A segunda perspectiva, bem diferente desta, postula que a comunicação é algo necessário, no sentido de que basta o homem existir para haver comunicação, partilha; de modo que nos comunicamos mesmo sem assim desejarmos. A escola de *Palo Alto*, por exemplo, alega que as pessoas transmitem “seus humores, seu estado de espírito, suas intenções mesmo sem falar nada, mas apenas pelas reações de seu corpo” (MARCONDES FILHO, 2006, p.10).

O corpo aparece como o grande *médium* comunicacional, possuindo um valor comunicativo. Pois, o comportamento corporal, diferentemente da linguagem, fala por nós, sendo uma forma por si só expressiva. O não-verbal, como os gestos, a voz, as atitudes e a postura física, acaba “denunciando” a pessoa, mesmo que ela expresse verbalmente de modo contrário àquilo que o seu corpo quis dizer. Nesse sentido, a comunicação residiria em processos relacionais e interacionais, cuja relação (múltiplos modos de comportamento) encaminha o conteúdo (ato verbal, consciente e voluntário). Aqui:

A análise do contexto se sobrepõe à do conteúdo. Se se concebe comunicação como um processo permanente em vários níveis, o pesquisador deve, para apreender o surgimento da significação, descrever o funcionamento de diferentes modos de comportamento num dado contexto (MATTELART, 1999, p.69).

Ou seja, os sinais emitidos pelo comportamento são considerados comunicação. Eles são comunicações involuntárias, pois, o corpo é o lugar onde o inconsciente se manifesta. Paul Watzlawick, um dos mais expressivos teóricos desta escola, defende que todo o comportamento é comunicação. E, por seu lado, toda a comunicação afeta o comportamento. A comunicação analógica é importante para compreendermos a importância da comunicação não-verbal (posturas, gestos, expressão facial ou outra manifestação não-verbal que o organismo é capaz em qualquer contexto em que ocorra a interação). Há, nesta perspectiva, o que Sfez chama de *exprimir*, no qual a parte e o todo estão unidos de tal forma que os clássicos dualismos como corpo e espírito caem por terra e subsistem em seu lugar concepções difíceis de serem trabalhadas através da análise e da explicação, porque não se reduzem a simples troca de informação, dependendo do contexto para emergir:

³ Os meios simbolicamente generalizados são o dinheiro, o poder, a influência, os compromissos morais, a verdade e o amor. Eles aumentam a possibilidade de comunicação por parte de indivíduos, na medida em que cada sistema possui seu *médium* que funciona, segundo Marcondes Filho, mais como um meio de ligação do que propriamente comunicação, “quando a técnica de difusão ultrapassa os limites da interação social e se propõe a comunicar para um número desconhecido de ausentes” (MARCONDES FILHO, 2004, p.468).

Formular a estrutura que reúne é dizer que toda comunicação necessita de um contexto, que sem contexto não há sentido e que os contextos só possuem sentido porque eles próprios se inserem numa classificação dos contextos, formando novos contextos (SFEZ, 1994, P.53).

Assim, comunicamo-nos, querendo ou não. Há troca e influência mútuas, pois nosso corpo não mente e interage à nossa revelia com o mundo na maioria do tempo. Basta haver outra pessoa para o processo comunicacional ser instaurado, de modo que mesmo que não exista interesse em comunicar, a comunicação ainda assim ocorre. O meu desejo de não me comunicar já é, segundo esta perspectiva, uma forma de comunicação, pois faço parte de um contexto. Assim, a comunicação é ao mesmo tempo relação e conteúdo. Ou seja, as falas pessoais e as expressões precisam de uma moldura para dar sentido a um fundo de significação. Elas se manifestam como se fossem um retrato no qual há uma foto e a sua moldura. Enquanto esta é o comportamento analógico, nossa postura, nosso jeito; aquela é o comportamento digital, expresso pela nossa fala. Esta relação entre a margem ou a moldura e o texto é o que Watzlawick denomina “dupla moldura”. Segundo este autor, a comunicação só é possível a partir da oposição entre o analógico e o digital, ou seja, entre o que elas dizem (plano controlado, racionalizado) e o que fazem (plano de nossa mais pura sinceridade).

Outra linha de estudo que também considera a comunicação como algo dado é a Semiologia. Para ela, as coisas pelo seu próprio modo de existir já comunicam, dado que estas seriam trocas codificadas e semiotizadas. O que importa é a relação de oposição e de distinção no interior da estrutura. Como diz Daniel Bounoux, a grande ideia fonológica é que o funcionamento dos sons tem caráter discreto e oposto:

O primeiro gesto da semiologia é, portanto, desprender os signos da aderência às coisas para pensá-los segundo o quadro das oposições pertinentes, quer dizer, previstas pelo código. A estrutura por excelência é assim a da língua, na qual as palavras não aderem às coisas (salvo no caso bastante residual das onomatopeias), mas significam por oposição (IDEM, 1999, p.51).

Nesta perspectiva, a linguagem criaria a própria realidade e o pensamento só seria possível dentro dos signos. A comunicação seria aquilo que é exprimível por meio da linguagem e nada mais, além disso. Deste modo, o que chamamos de realidade, a percepção e a consciência, deriva da linguagem.

A terceira perspectiva, por sua vez, considera que a comunicação é fruto de uma intencionalidade, ou seja, ela só ocorre quando os envolvidos no ato têm intenção de iniciar e

continuar a comunicação. Esta vertente de pensamento está presente na fenomenologia. A comunicação, como um fenômeno, não é um simples dado do mundo, pois ela só adquire significação por meio da intenção. A fenomenologia opera com um conceito próprio de transcendental, que é o modo como se apresenta o objeto. Todo objeto possui uma intencionalidade, ou seja, está lá por algo e para algo. Mas a intencionalidade do objeto só é descoberta, trazida para fora, quando ascende ao plano da consciência transcendental, daquela que constitui o mundo como fenômeno puro, constituindo e redescobrimo o sentido do mundo. Pois perceber o sentido dos fenômenos é partir das vivências e descobrir na consciência (no sujeito) um objeto, atribuindo-lhe sentido.

Também as chamadas teorias tradicionais partindo do princípio da intencionalidade consideram que a comunicação só acontece a partir da intenção do emissor em comunicar algo para o receptor. Neste caso, o esquema matemático (a bola-de-bilhar) pressupõe que a comunicação passe de um polo (emissor) por meio de um canal a outro polo (destinatário) (SFEZ, 1994). Independentemente da importância que se der ao emissor ou ao receptor, aqui, comunicação é transmissão de informação, uma coisa que é trocada e repassada:

Comunicação como algo que eu passo de mim ao outro, semelhante a um líquido, a matérias, a objetos que eu coloco de um lado de um cano ou de um tubo e que saem pelo outro lado; comunicação como sendo um elemento que extraio da minha cabeça e transfiro à cabeça do outro, enxertando-a lá dentro (MARCONDES FILHO, 2011, p.173).

Outra vertente, a dos estudiosos da teoria dos sistemas, como Niklas Luhmann, dizem que para haver comunicação é preciso que haja intenção, pois do processo de comunicação participam três momentos:

Um agente sinaliza alguma coisa, eu percebo nisso uma intenção de comunicar e, por fim, eu entendo que esse agente está se comunicando comigo. Ou então, a síntese entre um sinalizar, um informar e um entender a diferença entre o sinalizar e o informar. É como a visão humana, que pode ver dois planos, mas tem como resultado final apenas um terceiro, que funde os anteriores (MARCONDES FILHO, 2004, p.457).

A comunicação ocorre, nesta perspectiva, quando o Ego e o Alter estão no mesmo contexto de relação. Pois o mesmo universo de referência viabiliza o contato, que se torna comunicação quando o Ego não apenas percebe o movimento do Alter, como o vincula a uma vontade. Assim, a comunicação só ocorre quando se entende a intencionalidade do Alter, ou seja, quando há uma síntese da sinalização com a vontade ou com a informação. Nesse sentido, mesmo que o Ego não entenda corretamente o gesto do Alter, ainda assim acontece a comunicação.

Por outro lado, o entendimento não deve ser visto como um consenso universal, como uma perspectiva normativa, pois ele é apenas um elemento de engendramento entre uma comunicação e outra. Ele dá continuidade à comunicação, que tanto pode ocorrer quando o ego e o Alter estão fisicamente próximos, como entre o sistema e o meio. A comunicação não é vista como um conteúdo, ela se assemelha mais a uma forma que se autoduplica, se autoproduz observando seja o Alter ou o meio, mas que precisa de uma intencionalidade para ocorrer. Diz ainda que

a unidade – o entendimento não dura nada, ela se realiza apenas no momento em que se identifica a distinção entre um mero sinal e uma informação. É um curtíssimo lapso. Pelo fato de ocorrer de forma tão passageira, ela cria sempre novos conteúdos e a sequência é o processo comunicacional, o atrelamento de uma na outra, como num diálogo, em que cada frase constrói a continuidade considerando o que foi falado antes. (MARCONDES FILHO, 2004, p.458)

Por último, temos uma quarta perspectiva que é a da comunicação como acontecimento, sendo esta defendida por Marcondes Filho. Nela, a comunicação é considerada um processo, uma combinação de vetores sociais, históricos, subjetivos, culturais e tantos outros que ocorre a partir do *atrito* dos corpos (MARCONDES FILHO, 2004a, p.15). A comunicação não é transparência, ou otimização de informações. Marcondes Filho e diversos autores, entre eles, Luhmann questionam esta visão ontológica da comunicação. Pois para eles, não existe uma verdade embutida na comunicação de modo que comunicar não é se desfazer de nada, nem a transmissão de uma mensagem, mas um processo multiplicador. Marcondes Filho (2011, p.173) considera esta visão transforma a comunicação em “algo *em si* que circula, que corre, que é repassado”, como um equívoco comum à visão metafísica da comunicação.

Ao ser reduzida aos “sentidos de distância”, visão e audição, a comunicação acabou por ser confundida com a simples informação. Por causa da busca obsessiva da verdade por meio do cogito e do objeto, a comunicação passou a ser vista como um domínio do meramente racional. Mas ela não possui uma essência, não é um empreendimento racional com fins ao entendimento. A comunicação é algo muito mais sutil e de difícil entendimento, porque ela não está apenas na esfera do discurso (nomeando-a nós a aprisionamos e assim a esvaziamos), mas no campo do sentir. Do sentir, dos “sentidos da distância”, mas também do sentir, dos “sentidos da proximidade”, como o tato, o paladar e o olfato, que juntos nos abrem ao contato com o outro e com o mundo.

Ashler Montagu, em seu livro *Tocar* (1998), diz que embora nós, habitantes da civilização tecnológica, não darmos importância aos nossos sentidos, é apenas por meio deles

que podemos penetrar na tessitura da existência humana. Diz ainda que perdemos a multiplicidade do real na medida em que negligenciamos nossos sentidos de proximidade investindo apenas nos sentidos de distância.

Tornamo-nos prisioneiros de um mundo de palavras impessoais, sem toque, sem sabor, sem gosto. A unidimensionalidade da palavra passa a ser um substituto para a riqueza multidimensional dos sentidos e nosso mundo se torna grosseiro, monótono, conseqüentemente árido. A tendência é as palavras ocuparem o lugar da experiência (MONTAGU, 1998, pp.18-9).

Tal como Ashler Montagu, Marcondes Filho percebe a insuficiência da linguagem para explicar nossa relação com o mundo. Muitas vezes, as palavras nada mais são do que “declarações ao invés de demonstrações de envolvimento” (MONTAGU, 1998, p.19), de pessoas que não experimentando um relacionamento sensorial mais denso, apenas falam dele. Neste sentido, ao evitar reduzir comunicação à linguagem, tornando desta forma a noção de comunicação mais complexa, Marcondes Filho fala no atrito dos corpos, mas corpos no sentido dos estoicos. Pois tudo o que age são corpos: as pessoas, as palavras, as expressões, as músicas, isto é, tudo o que tem existência. Nesta perspectiva, para que a comunicação aconteça é necessário que ocorra uma sintonia, uma ambiência que pressuponha a troca em comum; contudo, não apenas a troca, mas um a mais que faça a diferença, possibilitando a produção de algo novo entre aqueles que dela participam.

Há o atrito entre os corpos, mas não o deciframento do estado interno dos que participam do processo comunicacional. Tal como Luhmann, Marcondes Filho rejeita a tese da interpenetração da mente dos indivíduos. Contudo, diferentemente de Luhmann - para quem a comunicação seria uma operação de *autopoiese* havendo no máximo uma irritação entre os que tomam parte dela, podendo ser ou não, posteriormente, neutralizada -, Marcondes Filho, afirma que a comunicação pode realmente acontecer perfurando os escudos daqueles que estão envolvidos e promovendo no interior deles efeitos transformadores. Neste sentido, ela é um “momento mágico” entre duas intencionalidades que extrai deste encontro algo novo e inesperado.

A comunicação é possível por meio da existência de um mundo único e intersubjetivo a partir da percepção que podemos ter do outro como comportamento e não como objeto exterior e acabado. O que não significa que o outro passe a ser eu, pois nunca poderemos penetrar nele. A percepção que temos do seu comportamento e de sua fala não é ele, mas a forma pela qual ele se mostra e nós o apreendemos. Em suma, não podemos sentir como o

outro sente, mas podemos criar um terreno comum para as nossas consciências a partir dessas experiências pré-pessoais, que nos fazem recordar a coexistência pacífica do mundo da criança. A experiência do diálogo aqui é exemplar, pois nela o eu está liberado de si mesmo. Isto é, como consciência perceptiva e não ser-para-si, o eu percebe no corpo do outro o prolongamento de suas intenções a partir de seu próprio corpo. Deste modo:

Constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum na qual nenhum dos dois é o criador. Existe ali um ser a dois, e agora outrem não é mais para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás nem eu no seu, nós somos um para o outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.474-5).

A comunicação, então, é possível porque o ser é inacabado, não sendo transparente a si próprio, e carrega consigo um corpo que compartilha de um mesmo mundo com o outro. Mas findo este momento em que as duas intencionalidades fazem parte de um único tecido, elas caem novamente na solidão dos seus cogitos. Ao regressar na sua ausência, o outro passa a ser sentido como o é usualmente: uma ameaça. Nas palavras de Merleau-Ponty (2006, p.475), “é somente depois, quando me retirei do diálogo e o rememoro, que posso reintegrá-lo a minha vida, fazer dele um episódio de minha história privada, e que o outro regressa à sua ausência ou, na medida em que permanece presente, é sentido por mim como uma ameaça”.

O existir recíproco, mesmo que seja em poucos momentos de nossa existência, também é apontado por Martin Buber em sua ontologia da relação. Aqui a relação EU-ISSO, que é objetivante, cede espaço para a relação EU-TU, que é a atitude do encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na afirmação mútua⁴. O EU-TU, ao vivenciar o mesmo mundo, revive o mundo infantil que é o da subjetividade comum do qual fala Merleau-Ponty. A reserva com que usualmente nos colocamos perante o mundo se desfaz em prol do “entre” do dialógico. Aqui, o parecer (encenação), a insuficiência da percepção (nossa apatia em relação ao mundo) e a imposição de um dos parceiros desaparecem para que em seu lugar surja uma “genuína conversação”. No encontro do um-ao-outro o “sentido não está nem em um dos parceiros nem

⁴ O EU-TU e EU-ISSO são dois modos de ser e não dos estados de ser que o homem toma incessantemente. Enquanto o EU-ISSO pode ser qualquer ser que é considerado um objeto de uso, de conhecimento, de experiência do EU. O EU-TU revela o diálogo como fundamento da existência humana, não aceitando a distinção entre palavras e coisas. Nesse sentido, há muitas maneiras de EU-TU e o TU pode ser qualquer ser que esteja presente no face-a-face, como por exemplo, o homem, uma obra de arte, uma pedra, uma flor, uma peça musical.

nos dois em conjunto, mas encontra-se somente neste encarnado jogo entre os dois, neste seu Entre” (BUBER, 1982, p.141).

Este “momento mágico” (MARCONDES FILHO, 2004, 2004a), ou a “dialógica do EU e TU” (BUBER, 1982), ou ainda da “experiência do diálogo” (MERLEAU-PONTY, 2005), onde ocorre o evento comunicacional, não é o da relação do sujeito com o objeto, mas do conjunto de forças daqueles que estão envolvidos neste processo. Por isso, não é tão comum assim o acontecimento comunicacional. Não é à toa, por exemplo, que Martin Buber fale da dificuldade de transmitir, sob a forma de conceitos, o dialógico. Para ele,

a maior parte daquilo que se denomina hoje entre os homens conversação deveria ser designado, com mais justeza e num sentido preciso, de palavreado. Em geral, os homens não falam realmente um-ao-outro, mas, cada um, embora esteja voltado para o outro, fala na verdade a uma instância fictícia, cuja existência se reduz ao fato de escutá-lo (IDEM, 1982, p.145).

Assim, este nível mais denso da comunicação, que muda a forma pela qual vemos o mundo, não ocorre o tempo inteiro. Na maioria das vezes, permanecemos, usando a linguagem de Luhmann, como sistemas fechados, buscando apenas nos autorregular. No relacionamento interpessoal parece, como defende Sartre, existir entre os homens um muro intransponível, de modo que estaríamos fadados a não conseguir estabelecer contato com o mundo, enclausurados em nosso próprio eu. No cotidiano, por seu turno, apreendemos apenas aquilo que nos é mais conveniente, o que está em compasso com o que cremos acreditar e gostar⁵. É como um caminho que fazemos todos os dias. Acostumados que estamos com ele, passamos sem percebê-lo.

O sensível personagem, Marcel, do romance *à sombra das raparigas em flor*, tem um nome bastante apropriado a este mecanismo auto referencial e amortecedor de nossos sentidos: *hábito*. Segundo ele, “é em geral com o nosso ser reduzido ao mínimo que nós vivemos, a maioria de nossas faculdades permanece adormecida, porque repousa no hábito, que sabe o que cumpre fazer e não necessita delas” (PROUST, 1997, p.207).

Martin Buber também chama atenção a esta couraça, cujo amortecimento dos sentidos nos impede de percebermos as coisas e de dialogarmos com o outro. Segundo o autor:

⁵ Nos anos 1940, as teorias tradicionais da comunicação já tinham descoberto que não era qualquer mensagem que o indivíduo assimilava. Para aceitá-la era preciso que ela de alguma forma fizesse parte do seu sistema de valores. Exemplo disto foi a descoberta do “duplo fluxo de comunicação”, ou seja, da importância “de um elemento intermediário entre o ponto final do processo de comunicação”, pondo “em questão o princípio mecanicista lasswelliano do efeito indiferenciado” (MATTELART, 1999, p. 47).

Cada um de nós está preso numa couraça que, graças à força do hábito, deixa logo de sentir. São apenas instantes que atravessam a couraça que incitam a alma à receptividade. E quando tal instante agiu sobre nós e nos tornamos então atentos, perguntamo-nos: ‘Que é que aconteceu aí de peculiar? Não era algo semelhante ao que me acontece todos os dias?’ Então podemos nos responder: ‘Realmente, nada de peculiar aconteceu, é assim todos os dias, só que nós não estamos aí presentes todos os dias’ (BUBER, 1982, p.43).

É por isso que a comunicação pressupõe uma intencionalidade e também o próprio corpo. Mais do que o entendimento, a comunicação estende-se aos sentidos, remetendo-se ao sentir. Ela se inicia no corpo e para lá retorna. Mas como despertar nosso corpo, nosso ser à mudança, ao sentir e ao outro? Como sair deste sono paralisante que se aproxima daquele do domínio da linguagem, do social sobre nós?

Acostumados que estamos ao teatro de nossas vidas, às frases de efeito que mais servem para melhor conduzir uma discussão ou nos colocar em uma posição de superioridade em relação ao outro, deixamos de perceber a imediatez do mundo, o componente trágico e sublime que este pode nos despertar. O livro *À sombra das raparigas em flor* ainda nos serve como um grande clarificador de como assumimos posturas e nos relacionamos com o outro de uma forma quase mecânica, que nem sentimos e que muitas vezes indicam muito pouco daquilo que queremos expressar. O aristocrata Saint-Loup, que se tornou muito amigo de Marcel, pareceu a este, logo de início, extremamente insolente e rude, especialmente cada vez que passava por ele “como o corpo muito empertigado, a cabeça lançada para trás e o olhar impassível e mais ainda que impassível, implacável” (PROUST, 1997, p.271).

Levou algum tempo para que Marcel percebesse que Saint-Loup ao contrário de rude, era uma alma sensível e amiga, que se comportava conforme o costume aristocrático de seu meio. E por causa desse aprendizado social, diz Marcel, ele:

fazia aquelas saudações sem reparar que as fazia [...]; era uma coisa isenta do significado moral que a princípio lhe atribuí e tão puramente artificial como outro costume que tinha: o de pedir que o apresentassem imediatamente aos pais de qualquer pessoa com quem travara conhecimento, e já tão instintivo nele que, no dia seguinte ao da nossa conversação, ao ver-me, lançou-se a mim e, sem ao menos dizer-me bom-dia, pediu-me que o apresenta-se a minha avó, que estava ao meu lado, com a mesma rapidez febril que teria se tal pedido obedecesse a algum instinto defensivo, como esse gesto inconsciente de aparar um golpe ou de fechar os olhos diante de um jorro de água fervendo, rapidez que nos preserva de um perigo que nos teria alcançado um segundo após (PROUST, 1997, pp.272-3).

O universo do romance de Proust nos revela uma experiência social cheia de desencontros, decepções e desilusões. O que transparece quando entramos em contato com o

mundo dos salões proustiano é a impossibilidade de termos acesso à consciência do outro, é a grande defasagem que existe entre a imagem que temos de nós próprios e aquela que os outros têm de nós.

Seguindo estas pistas, podemos inferir que a comunicação, o tornar comum, não é a busca de um sentido único, a comunhão, ou a homogeneização dos seres. Se o aprendizado, a tradição e o simbólico estão mais próximos da cultura; a comunicação, prescindindo desta, ultrapassa podendo ser percebida através do acontecimento. Isto é, de algo extralinguístico que permite a compreensão do sentido. Pois o acontecimento incide sobre o emaranhado de linhas ou “fios intencionais” (MERLEAU-PONTY, 2005), provocando algo novo nos corpos. A percepção da comunicação se dá, deste modo, a partir de um acontecimento, de um deixar-se apanhar no movimento, que vem da mistura de corpos e de cujo sentido aparece de um só golpe, quando coisa e palavra, dentro e fora se atritam.

Ora, comunicar pressupõe o sair de si e o deixar-se tocar pelo outro através do mergulho no seu ser, pelo atrito dos corpos. Segundo Merleau-Ponty, há um pensamento latente em nosso corpo. Este escapa à vontade da consciência e à censura do pensar, sendo uma espécie de pré-consciente, que se incorpora aos sentidos. Os sentidos são os nossos canais de abertura em direção ao mundo. Através do corpo eles estabelecem uma possibilidade muito mais ampla de comunicação com o nosso entorno. A riqueza da percepção daí derivada nos faz vivenciar sentimentos e descobertas inusitadas, daquelas que vão desde ser acariciado pela música deixando-se levar pelo turbilhão de emoções a escutar um sorriso de uma criança e se deliciar com um passado que já foi o nosso, mas que ainda está presente em nós.

A comunicação pressupõe a nossa abertura às sensações, à pele, ao ouvir, ao ver, ao tocar, ao cheirar, ao degustar, sabendo saboreá-los, sentindo-os nas entranhas do nosso ser. Isto só pode ocorrer quando nos abrimos ao mundo, com nossa disponibilidade em encontrar a alteridade do outro. Sentir e perceber o mundo pressupõe nos deixar levar pelo corpo, o nosso e o do outro, e não temer interagir com o mundo. A comunicação nasce de nosso contato corporal com o mundo, ela é um fazer-se, um acontecer e não uma manifestação pura da consciência, do intelecto. Nesse sentido, ela não pode ser tratada separadamente da nossa experiência vivida.

Assim como não temos sensações puras, porque elas já vêm acompanhadas de nossas interações com o mundo (MERLEAU-PONTY, 2006), também não temos uma comunicação pura, como quer a teoria funcionalista. A otimização comunicacional é um mito iluminista,

porque o mundo vivido nunca é inteiramente compreensível. Como toda comunicação humana começa no corpo e retorna ao corpo (PROSS, 1972 apud BAITELLO Jr., 2005), ela depende das nossas sensações, da importância que damos a elas; em suma, de nossa relação com o corpo⁶.

Merleau-Ponty (2006) diz que ver é tocar à distância, ouvir é ver e tocar é ver, existindo entre eles uma unidade, uma inter-relação, pois não há sensações puras, mas um turbilhão de sentidos que interagem entre si, esperando apenas uma atmosfera, um momento para emergirem. Portanto, não somos nós que percebemos, mas as coisas que se percebem em nós. Assim, se o sentir é praticar uma comunicação vital com o mundo, por seu lado, “os nomes que designam as coisas respondem sempre a uma noção da inteligência, estranhas às nossas impressões verdadeiras e que nos força a eliminar delas tudo o que não se reporte a essa noção” (PROUST, 1996, p.362).

A riqueza do sentir e, por conseguinte, da própria comunicação reside em sua fraqueza, ou seja, na “espessura de um *saber originário* que impede minha experiência de ser clara para si mesma” (PROUST, 1996, p.291). Existindo um ser para além daquilo que vemos, “não apenas ser visível, mas ainda ser tangível ou apreensível pela audição, e não apenas ser sensível, mas ainda uma profundidade do objeto que nenhuma antecipação sensorial esgotará” (PROUST, 1996, pp.291-2). Nesses termos sempre haverá na comunicação uma sombra, zona nebulosa, que esconde parte do que se deseja comunicar. Mas se o corpo em si já comunica, ele comunica muito pouco tendo em vista esta dimensão outra que é o acontecimento comunicacional. O atrito entre os corpos e a manifestação do sentido-acontecimento que daí surge pode, desta forma, resultar de uma comunicação acodificada. O fato de uma experiência comum se tornar uma experiência minha, transformando o meu corpo, me possuindo, já aponta ao momento mágico do evento comunicacional.

Considerações finais

O campo da comunicação se embate sobre inúmeras teorias, que tem uma maneira própria de trabalhar com a comunicação, sem contundo, fazer a incômoda pergunta sobre o que é este objeto. Ciro Marcondes Filho é um dos pioneiros quando pergunta sobre o objeto da

⁶ “O sensível não apenas tem uma significação motora e vital, mas é certa maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto do espaço, que nosso corpo retoma e assume se for capaz, e a sensação é literalmente uma comunhão”. (...) “Sem dúvida, ela é intencional, quer dizer, não repousa em si como uma coisa, mas visa e significa para além de si mesma. Mas o termo que ela visa só é reconhecido cegamente pela familiaridade de meu corpo com ele, não é constituído em plena clareza, mas reconstituído ou retomado por um saber que permanece latente e que lhe deixa sua opacidade e sua *ecceidade*” (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 286; 288).

comunicação. Ao buscar compreender como a comunicação pode ser pensada, este autor foge de respostas fáceis, que buscam aprisioná-la em uma ontologia fechada, reduzindo-a ao simples ser. Por isso, a comunicação é pensada enquanto processo - um acontecimento que não se reduz aos *media* - mas que se estabelece na intencionalidade e expressividade de corpos que entram em contato e se atritam, criando uma fina e densa sintonia, difícil de ser captada porque estando na esfera do sentir e do acontecimento. Os autores que oferecem subsídios teóricos para este grande desafio de trabalhar com a epistemologia própria a este conceito de comunicação, no dizer de Marcondes Filho, *metapórica*, advém de uma filosofia que questiona as bases do saber científico clássico, ou seja, daquele que é produzido na suposição da exterioridade do objeto, pretensamente neutro e pré-moldado em uma verdade conceitual e fechada no imobilismo do ser. Por isso, a comunicação pensada como um acontecimento, “momento mágico” (MARCONDES FILHO), “dialógica do EU e TU” (BUBER), “experiência do diálogo” (MERLEAU-PONTY), pressupõe outro olhar no qual capture a comunicação na ambiência do instante, do arremate imprevisível do calor dos corpos que, em seu atrito, deixa transparecer o *algo mais*, daquilo que a experiência comunicacional proporcionaria, ou seja, a aparição do outro, em um momento de transformação que se dá na relação e não de um simples repasse de informações.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Forme-de-vie*. In: *Moyens sans fins: Notes sur la politique*. Paris: Rivages; Rivages/Poche edition, 2002. p.13-23.

BARRENECHEU, M. *Proust e os limites da memória: a arte como salvação*. *Morpheus*, ano 2, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero04-2004/mbarrenechea.htm>

BAITELLO JR. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Ed., 2005.

BENJAMIN, W. “A imagem de Proust”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.36-59.

BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo, Ed. Centauro, 1977.

_____. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo, Perspectiva, 1982.

BOUGNOUX, D. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru, São Paulo, EDUSC, 1999.

BRAGA, José Luís. *Nem rara, nem ausente – tentativa*. In: *Matrizes*, Ano 4, n.1, jul-dez. São Paulo, ECA/USP, 2010, p.65-81.

_____. Interação como contexto da comunicação. In: *Matrizes*, Ano 6 – nº 1 jul./dez. São Paulo, ECA/USP, 2012, p.25-41. Disponível: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/345>>. Acesso em: 02 de dez. 2012.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo, Paulus, 2005.

_____. *A improbabilidade da comunicação*. Lisboa, Veja, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. A comunicação no sentido estrito e metáforo: ou porque a nova teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin. Apresentado no GT Epistemologia da Comunicação, *XXI Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Juiz de Fora, 12-15 de jun., 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1656.doc>. Acesso em: 20 de nov. 2012.

_____. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga. In: *Matrizes*. Ano 5, n. 1, jul-dez. São Paulo, ECA/USP, 2011, p.169-178.

_____. De repente, o prédio falou comigo. Anotações sobre experiências metapóricas em teoria da comunicação. Apresentado no GT Epistemologia da Comunicação, no *XX Encontro Anual da Compós*. Porto Alegre, UFRGS, 2011b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1656.doc>. Acesso em: 16 set. 2012.

_____. Verbete Comunicação. In: *Dicionário de Comunicação*. In MARCONDES FILHO, C. (org.). São Paulo, Paulus, 2009, p.63-65.

_____. *O escavador de silêncios: formas de construir e desconstruir sentidos na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos? Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação*. São Paulo: Paulus, 2004a.

_____. *O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio*. São Paulo, Discurso Editorial; Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Lisboa: Martins-Fontes, 2006.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo, Summus, 1988.

PROUST, M. *No caminho de Swann*. Rio de Janeiro, Globo, 1957.

_____. *À sombra das raparigas em flor*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1997.

REALE, G. *História da filosofia: do Humanismo a Descartes*, v.3. São Paulo, Paulus, 2004.

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

WATZLAWICK, Paul. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, Cultrix, 1996.